

Pastore prevê a volta ao FMI

PORTO ALEGRE
AGÊNCIA ESTADO

O ex-presidente do Banco Central Affonso Celso Pastore advertiu ontem, em Porto Alegre, que "talvez seja preciso retornar ao FMI", se o Brasil não conseguir recuperar o superávit da balança comercial e não colocar "a economia num curso aceitável pela comunidade financeira internacional", porque, diante deste quadro, "será virtualmente impossível um acordo com os bancos a curto prazo".

Ele alertou ainda que, se for mantido o atual nível de superávit, o País "não terá recursos nem para pagar a metade dos juros da dívida externa aos bancos comerciais" e en-

frentará dificuldades no pagamento das importações. Pastore criticou o imobilismo do governo diante de uma economia "absolutamente desajustada" e considerou que o aumento de impostos representará "uma carga tributária adicional numa economia recessiva. Estará matando a galinha dos ovos de ouro e criando um constrangimento adicional às empresas. Não é um caminho que conduza a nada de positivo".

Para Pastore, a criação de uma sobretaxa ao lucro dos bancos demonstra que o governo "vai tentar taxar o lucro de tudo aquilo que achará que está espoliando, colocando mais um imposto. Isso só vai aumentar a estatização da economia".

Em entrevista, após uma pales-

tra a empresários promovida pelo Banco Multiplic, disse que o Brasil "precisa de dinheiro novo por tempo longo", mas frisou não saber se isto será possível sem se ajustar à política do Fundo Monetário Internacional, porque, "se o superávit não avançar, terá que prolongar a mortuária, o que dificultará para conseguir dinheiro novo". No seu entender, para apressar a renegociação da dívida externa, o Brasil precisará melhorar seu superávit, mas, "no ritmo atual, não há como chegar aos US\$ 8 bilhões".

O ex-presidente do Banco Central disse que o governo "está começando a transmitir à população a gravidade do déficit público", mas que "não tem feito muito esforço para diminuir".